

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CORREIO FEMININO E O FANTÁSTICO: QUANDO UMA ADAPTAÇÃO NÃO SE
ADAPTA A UM PROGRAMA GENERALISTA.

ISAIANA CARLA PEREIRA DOS SANTOS¹

TOBIAS QUEIROZ²

Resumo: Nascida na Ucrânia, mas naturalizada brasileira, Clarice Lispector foi, de fato, uma grande escritora. Sua carreira no Jornalismo se deu em agosto de 1941 quando publica o seu primeiro ensaio na imprensa. “Observações sobre o fundamento do direito de punir” estampava as páginas da revista *A Época*. Recentemente o Fantástico veiculou uma série que foi adaptação dos escritos, hoje publicados em livro, da coluna “Correio Feminino”. Este presente artigo tem o objetivo de investigar a difícil aceitação por parte do público em dar audiência a esse tipo de cultura veiculada na TV. Em primeira parte, aborda-se um pequeno perfil da escritora e, logo após, como foi seu ingresso no jornalismo, os jornais para os quais escreveu, seus pseudônimos e suas características e como surgiu o Correio Feminino. A segunda a parte fala sobre a série do Fantástico, faz-se uma pequena análise do sexto episódio da série que é o “Ser Mãe” sustentando a ideia de que a série não é voltada somente para as mulheres modernas e bem resolvidas, como afirmaram alguns críticos. E, por fim, a terceira e última parte refutará as críticas que foram feitas sobre a série, sob o conceito de Dominique Wolton (2004), em que ele fala sobre audiência, cultura de elite, TV generalista e TV privada.

Palavras Chave: TV generalista, TV privada, Clarice Lispector, Correio Feminino, Fantástico, Globo, Dominique Wolton.

Abstract: Born in Ukraine but naturalized as Brazilian, Clarice Lispector was, in fact, a great writer. Her journalism career began on August 1941, when she published her first essay. “Observações sobre o fundamento do direito de punir” (Observations on the basis of the right to punish) was available on pages of *A Época Magazine*. Recently, the TV show Fantástico aired a sketch adapted from these essays, now published as a book, from the “Correio Feminino” (Woman’s Post) column. This article aims to investigate the reason why this kind of content wasn’t well received by the audience. At first, it approaches a small profile of the writer, and later, how she started on journalism, the newspapers she wrote, her pseudonyms and the creation of Correio Feminino. The second part talks about the Fantástico’s sketches; analyzing the sixth episode called “Ser Mae”, sustaining the idea that these sketches were not only for the modern women, as said by the critic. And, at last, the third and final part refutes

¹ Graduanda do curso de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

² Orientador do trabalho. Prof. Ms. em Comunicação pela UFRN, com especialização em mídia, música e jornalismo cultural

the criticism received by these sketches, under the concept of Dominique Wolton (2004), in which he talks about audience, elite culture, generalist and private TV.

Keywords: Generalist TV, Private TV, Clarice Lispector, Correio Feminino, Fantástico, Globo, Dominique, audience

INTRODUÇÃO

Há poucas pesquisas sobre Clarice Lispector enquanto jornalista, Maria Aparecida Nunes ³ é uma das que explora esse lado menos conhecido da autora e, por isso, tem alguns livros publicados como organizadora dos textos jornalísticos de Clarice Lispector.

Não foi por acaso que Clarice entrou no jornalismo, tendo o jornal *A Noite* como primeiro registro em sua carteira de trabalho como repórter, Lispector viria a ser uma grande escritora. A partir de suas crônicas que posteriormente viria se tornar romances, sua ousadia em modificar o modo como se dava a interação com seus leitores nas páginas femininas, a iniciante de jornalismo já estava marcando o seu território na literatura brasileira.

Nas entrelinhas de um bom texto, Clarice sempre deixava algo ambíguo, por isso, ela se apropriou de pseudônimos para não confundir com aquela hermética escritora que explora tanto o SER. Cada pseudônimo tinha uma característica que era sempre bem exposta nos textos, uma singularidade que Clarice sabia usar muito bem.

Pela grande fama das frases curtas que circulam na internet, Clarice tomou certo espaço na televisão, houve novelas que exibiam alguém sempre lendo um livro dela, ou fazia algumacitação e, até mesmo, como foi o caso de *Malhação* em 2012/2013, em que havia uma personagem chamada “Fatinha” – Juliana Paiva – a qual citava frases que não eram da escritora e, mesmo assim, mencionava-a como autora da frase. Na verdade, era uma crítica a essas frases que circulam na internet, visto que boa parte que circulam na rede não são da escritora.

No dia 27 de outubro de 2013 sob a direção de Luiz Fernando Carvalho, o Fantástico estreou um quadro que deu animação aos textos de Clarice Lispector, o *Correio Feminino*. Maria Fernanda Cândido, como Helen Palmer, Alessandra Maestrini, Luiza Brunet e Cintia Dicker traçaram o perfil de três mulheres, a mulher jovem, a mulher madura e a adolescente, respectivamente.

O presente artigo visa analisar a difícil aceitação por parte do público em dar audiência a esse tipo de cultura veiculada na TVe a baixa audiência que o quadro obteve durante um período de oito semanas, rebater as críticas que saíram a respeito da atemporalidade que a série tem e, sob o conceito de Wolton (2004)em que ele fala sobre audiência, cultura de elite, TV generalista e TV privada, assegurando que“a TV aberta obriga cada um a reconhecer a existência do outro” (WOLTON, 2004, p. 142), a série não estava destinada somente as “mulheres independentes e resolvidas” – como foi usado de argumento nas críticas –, mas sim a todas as mulheres.

³ Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo e professora titular da Universidade Federal de Alfenas, é também autora de *Clarice Lispector jornalista: Páginas Femininas e outras páginas* (Senac/São Paulo) e organizadora dos livros *Correio Feminino* e *Só para mulheres*, ambos lançados pela Rocco.

Notícia de jornal é como a vida, continua sempre e a gente tem de ir virando as folhas, como se vira a folhinha do calendário.
(Clarice Lispector)

ChayaPinkhasovnaLispector – “Chaya” que em hebraico significa vida – mais conhecida como Clarice Lispector para nós, brasileiros, nasceu em Tchetelnik, uma pequena cidade da Ucrânia, porém, seu âmagô sempre foi Brasileiro. “Eu, enfim, sou brasileira, pronto e pronto” (GOTLIB, 1995, p. 66).

Clarice era do tipo que dava nomes a tudo, até mesmo aos azulejos do banheiro, como confessa sua prima, Bertha Lispector Cohen.⁴Inspirada numa peça que acabara de assistir, Clarice escreve a sua própria peça, cujo título era: *Pobre Menina Rica*, – o que ela escondeu e acabou perdendo. O *Diário de Pernambuco*, todas as quintas-feiras, divulgava contos que eram enviados por jovens leitores para a página infantil. “Eu cansava de mandar meus contos, mas nunca publicavam, e eu sabia por que, porque os outros diziam assim: ‘Era uma vez, e isso e aquilo...’. E os meus eram sensações.”⁵ “Eram contos sem fadas, sem piratas. Então ninguém queria publicar”⁶. Não sabia Clarice que ela seria uma das maiores escritoras brasileiras.

“Em 25 de maio de 1940 publicou seu primeiro conto conhecido como ‘Triunfo’, na revista *Pan*” (MOSER, 2009, p.143). Seu ingresso no jornalismo deu-se início no mesmo ano com a publicação do conto “Eu e Jimmy” na revista *Vamos Ler!*, conto que chamou a atenção de Lourival Fontes – jornalista e político brasileiro – que a contratou para trabalhar na Agência Nacional. “A princípio ela deveria trabalhar como tradutora, mas já havia tradutores suficientes, então foi designada para trabalhar como editora e repórter, a única mulher com esses cargos” (FERREIRA, 1999, p. 75).

Em outubro de 1940, Clarice consegue veicular textos de ficção, reportagens e entrevistas. Em agosto de 1941 Clarice publica o seu primeiro ensaio na imprensa. “Observações sobre o fundamento do direito de punir” estampava as páginas da revista *A Época*.

Mas é em 1952 que Clarice começa a escrever para o público feminino com a página “Entre Mulheres” no semanário *O Comício*, de Rubem Braga, com o pseudônimo de Tereza Quadros. Em agosto de 1959 ela escreve para uma coluna no *Correio da Manhã*, “*Correio*

⁴Para mais informações, consultar MOSER, 2009, p. 90.

⁵Clarice Lispector et al., op. cit., p. 139. Cf. IMS, *Cadernos de Literatura Brasileira: Clarice Lispector*, op. Cit., p. 58.

⁶ Cf. Maria Esther Gilio, “Tristes trópicos: Com Clarice Lispector em Rio”, op. Cit.

Feminino”, sob o pseudônimo de Helen Palmer e, também, na revista *Senhor*. Em 1960 retoma os escritos femininos no *Diário da Noite* na página “Só para Mulheres”, neste caso, era heterônima da atriz Ilka Soares.

Clarice adotou os pseudônimos por receio de “manchar” seu renome literário. Cada pseudônimo tinha sua particularidade, não obstante, suas “máscaras” sempre buscavam conversar diretamente com seu leitor.

Tereza Quadros, com um texto de Bernard Shaw, em que ele fala sobre Sarah Bernhardt – atriz francesa –, inaugura o seu primeiro escrito no “Entre Mulheres”, traçando algumas características, Clarice dá “forma” ao que as mulheres da época seguiriam como “padrões de beleza”. Além de discutir questões ligadas ao universo feminino, receitas e alguns segredos, Tereza/Clarice, fazia com que seu leitor refletisse sobre sua postura perante a sociedade. Alguns dos registros sobre Tereza Quadros mencionam-se sempre o texto “Meio cômico, mas eficaz”, em que ela trata de como matar baratas, parece meio fútil, mas Clarice tinha essa “ligação” com as baratas, “as baratas provocavam em Clarice fantasias homicidas” (MOSER, 2009, p. 383). Em seu livro, “A Paixão Segundo G.H” (1998) ela retoma esse “estar de frente com uma barata”, não obstante, Clarice vai mais fundo, G.H come a massa branca que saía da barata morta.

“A grande bruxa da literatura brasileira”⁷, foi assim que Affonso Romano de Sant’Anna se referiu a Clarice depois que ela, aceitando o convite de Simón González – um aristocrata colombiano – a participar do Primeiro Congresso Mundial de Bruxaria. Apesar de mística, Clarice não era bruxa, porém, como *ghostwriter* da atriz brasileira, Ilka Soares, Clarice cria uma seção na coluna “Só Para Mulheres” cujo título era “Laboratório de Feitiçaria” em que

Clarice convida sua leitora de jornal, a distraída dona de casa, a se tornar uma bruxa moderna e a transformar a cozinha em laboratório de experiências, para fabricar cremes e xampus, por exemplo, para manter a juventude, tal qual uma bruxa moderna à procura de elixires.⁸

Helen Palmer, em seu “Correio Feminino”, tratava da beleza em série. Como Tereza Quadros, Clarice, em Helen, não falaria muito sobre comportamento, culinária, ou como transformar a cozinha em um laboratório de experiências,

Pois assina contrato com o departamento de relações públicas da Pond’s para divulgar os produtos da marca, de forma subliminar, isto é, sem mencionar explicitamente o nome Pond’s, e criar hábitos de consumo nas tais leitoras desavisadas. (NUNES, 2006, p. 9).

⁷ Sant’Anna, recorte sem título, *Jornal do Brasil*, 25 out 1986, ACL.

⁸ Disponível em: <http://www.claricelispector.com.br/Download_Clarice_journalista_por_Aparecida_Maria.pdf>
Acesso em: 12 de fev. de 2013.

O Correio Feminino surgiu quando Clarice, separada de seu marido, precisava se adaptar aos quinhentos dólares que Maury enviava de Washington. Sendo convidada pelo jornal *Correio da Manhã*, Clarice assinava com o pseudônimo de Helen Palmer. Esta que, nas entrelinhas, serviu de garota propaganda dos cremes da Pond's.

Helen tratou de reformular a mulher que “fuma como um homem em público, cruza as pernas com uma desenvoltura chocante, solta gargalhadas escandalosas, bebe com exagero, usa gíria de mau gosto, palavreado grosseiro, quando não se desmoraliza repetindo palavras”⁹ pois seduzir e ser bastante feminina eram o que marcavam as páginas do “Correio Feminino”, visto que Helen ensinava a mulher a conquistar o seu amado e, para isso, era preciso cuidar da pele, cabelo, “SER” mulher – o verbo em destaque era bastante utilizado nos títulos de seus textos.

Clarice escreveu cerca de 450 colunas na imprensa feminina, o que equivale a aproximadamente 5 mil textos, distribuídos em fragmentos de ficção, crônicas, noticiário de moda, conselhos de beleza, receitas de feminilidade, dicas de culinária, educação de filhos e comportamento. Como entrevistadora, foram cerca de 100 textos. E, somente para o *Jornal do Brasil*, publicou mais de 300 crônicas (NUNES,2012, p.18).

Formada em Direito pela Universidade do Brasil, “alcançando o primeiro lugar no curso preparatório e o quarto entre os trezentos candidatos de todo país” (FERREIRA, 1999, p. 67), não obstante, a carreira jurídica não foi o que motivou Clarice a cursar Direito e sim a sede de justiça pela terrível morte de sua mãe que fora estuprada por um bando do *pogrom* básico – uma série de ataques contra Judeus que ocorreu na Ucrânia – e, também, ela tinha algo a mais em mente: “Minha ideia – veja o absurdo da adolescência! – era estudar advocacia para reformar as penitenciárias” (GOTLIB, 1995, 147).

“Porque há o direito ao grito. Então eu grito” (LISPECTOR, 1998, p. 13), Clarice não se deu ao trabalho de comparecer a sua formatura, pois sabia que seu dom mesmo era a escrita e, entre os romances e o jornalismo, as folhas de jornal só serviam de amparo financeiro para o fim do mês, pois na época havia separado do seu marido Maury Gurgel Valente. “Cheguei mesmo à conclusão de que escrever é a coisa que mais desejo no mundo, mesmo mais que amor”¹⁰.

Fantástico e o Correio Feminino

⁹*Correio da manhã*, 19 dez. 1960, citado idem, p. 220).

¹⁰Olga Borelli, carta a Tania Lispector Kaufmann, 8 maio 1946, op. cit., pp. 119.

No dia 27 de outubro de 2013 sob a direção de Luiz Fernando Carvalho, o Fantástico estreou um quadro que deu animação aos textos de Clarice Lispector, o Correio Feminino. Maria Fernanda Cândido, como Helen Palmer, Alessandra Maestrini, Luiza Brunet e Cintia Dicker traçaram o perfil de três mulheres, a mulher jovem, a mulher madura e a adolescente, respectivamente.

Escrita por Maria Camargo com colaboração de Carla Madeira, a série foi composta por oito episódios. Os textos de Clarice têm, por si só, vida. Apenas com o som da voz de Maria Fernanda Cândido e a interpretação das atrizes, o texto se torna animado caso houvesse a necessidade de falar algo, assim como no cinema mudo, apareceria uma “plaquinha”.

No 6º episódio da série, o “Ser Mãe” falará a todos os públicos, a todas as mulheres – assim como os outros episódios são destinados ao público feminino, sem distinção.

Ser mãe é coisa que mudou bastante através dos tempos. Na França, por exemplo, houve um tempo em que as fidalgas consideravam a maternidade uma das mais desagradáveis incumbências. Sem o menor respeito ou amor pelas crianças, era moda abandonarem seus filhos em lugares distantes, de preferência no campo, na companhia de empregados e amas. Parece estranho falarmos de assunto tão sério como esse? Mas é que antes de ser mulher vaidosa, profissional ou dona de casa você é mãe, não é? Ou quem sabe vai ser um dia”¹¹

O Correio Feminino não trouxe apenas conselhos, mas discussões como essa. O que é ser mãe? Ou como se comportar diante da puberdade de seus filhos, como prepará-los para a vida, pois, antes de qualquer coisa, deve ser amiga de seu filho.

Helen Palmer explica que ser mãe não é apenas dar a luz a uma criança, você terá a difícil tarefa de educá-lo, pois uma mãe de verdade não irá só enfeitar seu filho, mas também, deve aceitar essa difícil missão que ela assinou quando decidiu dar a luz aquele ser, e deve-se ter consciência de dar uma boa educação para que no futuro não sofra com as consequências de uma possível falha do aprendizado de seu filho.

Cada filho é uma caixinha de surpresa que deve ser estudado bem e cabe aos pais se aperfeiçoar na matéria de ouvir seus filhos, pois os pais, segundo Helen, devem conhecer o ser que foi posto no mundo e, para isso, o único meio de saber é ouvindo todas as suas lamentações, visto que, quando o filho se sente compreendido por seus pais, tem uma maior probabilidade de se dar bem na vida.

¹¹ Disponível em <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/12/esclarecida-e-mulher-que-e-educadora-diz-helen-palmer.html>> Acesso em: 05 de jan. de 2014

Mas deve-se ouvi-los com a mesma paciência com a qual se cuida do lar, se o lar é a proteção para toda família, o filho precisa dessa mesma proteção. Paciência esta em que não se educa com gritos, pois seus filhos também aprendem a gritar a partir do seu exemplo. O que é um conselho muito interessante, pois toda e qualquer mãe, num momento de impaciência com seu filho, acaba elevando a voz e se irritando se recebe um tom elevado de volta, provavelmente todas as mulheres, que são mães, fazem isto, seja ela moderna ou não e esse conselho chega de forma homogênea a todos os públicos porque é bastante claro.

O episódio se encerra de forma afetuosa, assim como são os textos da Clarice. Falando diretamente com o leitor, Helen Palmer chama a sua ouvinte e fala sobre ternura, em que esta é um poço que nunca seca, apesar de estarmos cercados constantemente de grosserias.

Ela é o extraordinário que podemos encontrar nas coisas mais comuns, é a hóspede agradável de um lar, é ela que alimenta um amor que nunca cansa nem acaba. Guarde esse pensamento, seja você mãe ou não: o que não se consegue com ternura não se consegue por nenhum outro caminho. A ternura é a grande conquistadora, aquela que tudo consegue e tudo vence!¹²

As Críticas

Algumas críticas a respeito da série fala que há um tom “ultrapassado” nos conselhos de Helen ou que seria uma espécie de autoajuda, porém, no episódio de estreia, “Aulinha de sedução”, Helen dá conselhos do tipo “Nunca me canso de repetir que, mais que a beleza, que a cultura, que um guarda-roupa elegante, para a mulher ser atraente, o mais importante é ser mulher”. Ou ainda: “Não vou ensinar peixe a nadar. As mulheres sabem o que precisam fazer, eu só lembro a elas o que elas já sabem”.¹³ Helen apenas lembra o que, muitas vezes, as mulheres esquecem.

O Blog “Mundo da TV”¹⁴, do site R7, em matéria sobre a série, questionou “o porquê de apresentar hoje esse conteúdo, quando a maioria dos problemas abordados parece devidamente superada” e que “mulheres independentes e bem resolvidas não costumam sofrer com a quantidade de perfume a ser colocada antes de um encontro ou até mesmo o quanto deve falar ou vestir para encontrar um amor”. Sendo assim, é questionável as novelas – das 18h, principalmente – abordarem temas de época. E por que não ultrapassados ou já até mesmo redundantes?

¹²Mais informações acessar o texto completo: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/12/esclarecida-e-mulher-que-e-educadora-diz-helen-palmer.html>> Acesso em: 05 de jan. de 2014

¹³Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/luiz-fernando-carvalho-dirige-serie-correio-feminino-estreia-deste-domingo-do-fantastico-10543381>>Acesso em: 05 de jan. de 2014

¹⁴ Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/blogs/mundo-da-tv/critica/fantastico-erra-feio-na-adaptacao-de-conselhos-de-clarice-lispector-para-mulheres-20131028/>> Acesso em: 05 de jan. de 2014

Deve-se assistir e pensar à época – apesar de a série ser atemporal – como os conselhos, que hoje foram descritos como “problemas superados”, tinham sua importância para as mulheres da época. Luiz Fernando Carvalho, diretor da série, diz que o trabalho permite uma reflexão: até que ponto as questões do feminino foram resolvidas? Será que foram realmente resolvidas? Fernando Oliveira, autor da crítica, escreveu e falou pelas “mulheres independentes e resolvidas”, porém, ainda há as não resolvidas, e estas podem sim se identificar com os conselhos de Hellen Palmer.

Dominique Wolton, em seu livro “Pensar a Comunicação”, escreve que “a TV aberta obriga cada um a reconhecer a existência do outro” (WOLTON, 2004, p. 142) e a série não estava destinada somente as “mulheres independentes e resolvidas”, mas sim a todas as mulheres no geral.

O mesmo autor também fala da Televisão como laço social, em que esta acaba preenchendo o vazio em que se encontra o indivíduo com a sociedade, pois

A televisão é atualmente um dos principais laços sociais da sociedade individual de massa. A televisão é a única atividade compartilhada por todas as classes sociais e por todas as faixas etárias, estabelecendo, assim, um *laço* entre todos os meios (WOLTON, 2004, p. 135).

O Fantástico é um programa generalista em que nos deparamos com notícias de futebol, saúde, beleza, enfim, um programa de domingo em que se assiste comendo pizza ao lado da família. Este, “oferece a possibilidade de encontrar elementos indispensáveis para ‘estar juntos’” (WOLTON, 2004, p.142).

O que justifica o papel da TV generalista: oferecer um vasto leque de programas para satisfazer o maior público possível de pessoas e deixar lugar para o “público inesperado”. É nesse sentido que a televisão é menos um instrumento de massificação da cultura que um meio de religar as heterogeneidades sociais e culturais (WOLTON, 2004, p. 142).

Além de ser um programa generalista, o Fantástico é veiculado numa emissora que tem o seu canal aberto, a Rede Globo de Televisão. Dizer que o Correio Feminino fala apenas para as mulheres independentes e bem resolvidas é uma falácia. Este argumento ganharia força se o quadro fosse exibido na GNT, por exemplo, em que, apesar de este canal ser da mesma emissora, porém é veiculado num canal de TV por assinatura, o qual apenas a uma parcela segmentada teria acesso a esse tipo de programação, pois eles podem pagar uma TV por assinatura e, provavelmente, as mulheres que os assistiriam, seriam as tais “independentes e resolvidas”.

A força da TV aberta é esta: colocar em pé de igualdade todos os programas e não dizer *a priori* que são destinados a este ou àquele público. *A TV aberta obriga cada um a reconhecer a existência do outro*, processo indispensável para a sociedade contemporânea confrontada com o multiculturalismo (WOLTON, 2004, p. 142, ênfase do autor).

Ele defende que a televisão generalista é o meio mais adequado à heterogeneidade do público que assiste, pois há uma quebra de comunicação entre as diferentes camadas sociais e a temática não está voltada para um determinado público. O que de bom a TV generalista nos proporciona é a variedade de programação, pois ela sempre tentará atrair a atenção de um determinado público a querer assistir aqueles programas que até então não os atraíam, além de não priorizar sua temática e deixar espaço para todos. Wolton também compara à televisão a meteorologia com a intenção de se quebrar barreiras. Da mesma forma que assistimos a previsão do tempo apenas para saber como está o clima da nossa região, muitas vezes, assistimos somente aqueles programas que são do nosso interesse. Porém, os ventos da Europa é o que determina o clima da França, por isso, deve-se quebrar essa “barreira” que se tem com relação a outros canais/programas. Sendo assim, o critério de bom ou ruim em analisar uma programação será mais aguçado.

Quanto mais a programação é aberta e generalizada, mais ela é suscetível de atrair a atenção dos públicos. É assim que a heterogeneidade dos programas da TV aberta é uma figura de heterogeneidade social, porque oferece uma oportunidade de “comunicação” e de “laço” em termos de participação e não apenas transmissão. (WOLTON, 2004, p. 143)

Apesar de estar em um programa generalista e de TV aberta, o Correio Feminino não marcou muitos pontos na audiência, pelo contrário, O Fantástico, no dia de sua estreia, marcou o pior índice de audiência da história.¹⁵ Julgado um “ar ultrapassado”, o primeiro episódio da série teve 13min e 22s e o último 07min e 08s. A série deveria ter em média 10min por episódio, porém, como a audiência não estava boa, alguns tiveram 10min e outros 7min.

Apesar de estar presente em quase todas as TVs, o problema da queda da audiência é em relação a toda programação da Rede Globo. Entre as 18h e meia-noite, a Globo perdeu 37% do seu público, passando de 38 pontos para 25¹⁶. A sua grande concorrente é a TV paga que já tem 10% do seu público em horário nobre. O Fantástico, desde 2000, vem enfrentando

¹⁵ Disponível em: <<http://entretenimento.br.msn.com/blog/tv-famosidades/post--%E2%80%9Ccorreio-feminino%E2%80%9D-%C3%A9-a-obra-prima-certa-em-um-momento-errado>>

Acesso em: 29 de jan. de 2014

¹⁶ Disponível em: <<http://rd1.ig.com.br/televisao/em-dez-anos-globo-perde-34-da-audiencia-da-faixa-nobre/221485>> Acesso em: 29 de jan. de 2014

problemas com audiência¹⁷, equivalente a 41%, ou seja, só em São Paulo, representa 60 mil TVs que não mais são ligadas no Fantástico.

Como a série trata de uma escritora literária, em que Clarice Lispector tem mais sentido sendo lida e não vista, pois sua obra perde toda a grandiosidade quando é mediada na TV ou cinema – como foi o caso de A Hora da Estrela (1985) –, visto que para entender, tem que entrar em contato, tem que “tocar” a essência Clariceana e só se entra em contato com o âmago do texto, quando lido. Seus escritos jamais terão a mesma faceta genuína, quando transmitido, senão lidos, pois, Wolton afirma que algumas formas de culturas não são bem vistas na televisão, e esta não é o melhor meio de disseminar a cultura.

Wolton fala que “as relações entre televisão e cultura nunca foram boas, mas hoje estão piores do que nunca” (WOLTON, 2004, p. 158). A série do Fantástico provavelmente não deu certo porque, quem tem acesso a cultura através de livros, filmes, documentários, não se interessaria por algo que está sendo mediado na televisão. E, analisando quem não tem acesso a esses meios de cultura, este não teria interesse em assistir por uma velha tendência a ver as “notícias”, as “desgraças” da semana em outros jornais que eram transmitidos na mesma hora. Wolton faz um questionamento acerca de qual melhor forma para se transmitir cultura: “a questão central é entender a que forma de cultura a televisão está mais bem adaptada, e não saber se a televisão generalista deixa espaço à cultura de elite” (WOLTON, 2004, p. 159).

Considerações Finais

Depois do estudo sobre questões de audiência, TV generalista, TV privada e, tendo Dominique Wolton como principal referencial teórico, chega-se a conclusão de que a série Correio Feminino não obteve o merecido prestígio porque o público não é condicionado a prestigiar esse tipo de programação, visto que, tratando-se de cultura, quem tem uma vida “corrida” não se interessaria em assistir a isso quando só geralmente tem “tempo” aos domingos para acompanhar as principais notícias da semana.

A partir do que foi observado podemos afirmar que as críticas analisadas não tiveram fundamento porque falavam que a série tinha um ar “ultrapassado” ou que as mulheres de hoje já são “modernas e bem resolvidas”. Argumento falho quando a série é atemporal e é veiculada na TV aberta, em que esta não tem um público direcionado e teria fundamento se fosse veiculada na TV fechada – o caso a GNT citado anteriormente.

¹⁷ Disponível em: <http://rd1.ig.com.br/televisao/fantastico-perde-40-de-audiencia-em-12-anos/142210> > Acesso em: 29 de jan. de 2014

Mas a partir da discursão de público e entendendo a TV generalista, elementos que podem ter influenciado na baixa audiência do seriado *Correio Feminino*, estes dialogam como pensamento de Wolton que justifica a existência do outro quando este pode até mesmo está na espiral do silêncio e, a partir da mediação, trazer a tona essas pessoas que não se sentem representadas pela mídia. Analisando a crítica de Fernando Oliveira, em que o mesmo escreveu e falou pelas “mulheres independentes e resolvidas”, porém, ainda há as não resolvidas, e estas podem sim se identificar com os concelhos de Hellen Palmer.

Referência Bibliográfica

FERREIRA, Teresa Cristina Montero. **Eu sou uma Pergunta: Uma Biografia de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice, uma Vida que se Conta**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 1º edição.

LISPECTOR, Clarice. **Clarice na cabeceira: Jornalismo**. Organização e apresentação de Aparecida Maria Nunes. – Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

NUNES, Aparecida Maria. **Só para mulheres: conselhos, receitas e segredos/ClariceLispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Trad. Zélia Leal Adghirni. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.